LEIA SE PUDER, ACREDITE SE QUISER

MEMÓRIAS DE UM CONTADOR DE HISTÓRIAS

Histórias perdidas no túnel do tempo, que vale a pena ler, reler, divertir-se, e refletir sobre elas. Trata-se de uma coletânea de fatos reais, os quais enfocam dramas, comédias, terror, comoção, sobrenatural, destino, luto, e casos excepcionais que beiram a ficção. Muitos personagens dessa breve passagem no tempo, já não estão mais entre nós, enquanto aqueles que ainda vivem, nem imaginam que alguém, (Autor) havia testemunhado e lavrado, fragmentos de muitas histórias em seu diário, que hoje nos causa pesar, mas outras deixaram saudades.

Ronnedy Miranda

2 de maio de 2021

DEDICATÓRIA

Eu dedico este livro a todos os meus leitores, que de bom grado concederam-me às honras ao escolher essa singela obra, entre tantas outras mais importantes e primorosas. Eu também dedico esse livro a todos os colaboradores, que diretos ou indiretamente, contribuíram cada qual no seu oficio, para o lançamento dessa publicação. Do mesmo modo, não posso deixar de lembrar da minha querida sobrinha Isadora, que quando souber ler, venha a se divertir com essas histórias curiosas, e quem sabe no futuro tomar gosto pelas letras, dedicando-se a literatura por vocação e talento.

PREFÁCIO

Em virtude da má conservação dos manuscritos, que naturalmente se desbotam pelo tempo, por fim eu me pus a transcrevê-los para a memória do computador, somente trinta anos depois. O trabalho mais penoso desta empreitada literária, consistia em restaurar com perfeição, algumas frases ou vocábulos da leitura, ilegíveis devido a umidade e borrões. É importante ressaltar também, que por causa dos borrões, mofos, sujeiras, nódoas e umidades infiltrados nos manuscritos, algumas palavras ilegíveis ou confusas dos textos originais, foram substituídas por outras correspondentes, sem, contudo, distorcer o sentido literal do assunto.

Ainda, no intuito de realçar o entendimento da leitura, zelando pelo seu estilo original, foram inseridas novas palavras aos textos, com sonoridades e sentidos mais adequados a narrativa. Eu também aditei aos textos reproduzidos, jargões populares, parábolas de Cristo, preces, alguns provérbios tradicionais, pensamentos célebres, metáforas e versículos bíblicos, substituindo aqueles impróprios, apócrifos, enigmáticos, desconhecidos ou descorados pelo tempo. Não obstante, eu conservei na íntegra cada detalhe dos cenários, vestes, atos e falas dos personagens, concernentes à história real.

No decorrer dos últimos quarenta anos, eu fiz um apanhado das melhores histórias da minha vida, — *coletânea de fatos incomuns* —, para que algum dia fossem publicadas separadamente, quando me fosse oportuno fazê-lo no seu tempo próprio. As diferentes histórias contadas neste livro, foram selecionadas dos meus antigos diários, que até hoje os preservo íntegros em forma de textos digitais.

Embora possa causar estranheza aos leitores, todas as histórias narradas neste volume, são cópias autênticas dos meus antigos manuscritos, — *diários* — sem tirar nem acrescentar uma só vírgula sequer. Todavia, por razões éticas, legais e morais, eu preservei a verdadeira identidade das personagens da vida real, substituindo seus endereços, apelidos ou nomes de batismo, por outros fictícios. No tocante a topônimos de cidades, bairros, comunidades, vilas, povoados, logradouros, ruas e avenidas, alguns foram suprimidos por causas citadas acima, enquanto outros foram mantidos em todas as histórias. Apesar de ser uma das mais belas artes praticadas pelo homem, eu admito, todavia, que não tenho pendores nem talento ao *ofício das letras*, embora honrado e orgulhoso houvesse de sê-lo, acaso o destino atribuísse-me prestigiosa ocupação.

Em qualquer arte, técnica ou ofício na vida, nós podemos obter a destreza, a presteza e a perícia por meio das práticas repetitivas ao longo dos anos, ao passo que o *talento criativo*, indiscutivelmente, se nasce com ele. É importante ressaltar também, que essa singela publicação não se compara as obras literárias dos ilustres, *penas de ouro*, os quais elaboram seus trabalhos com refinada inteligência emocional, sensibilidade, e notável talento artístico. Na verdade, quase todos nós somos bons contadores de histórias, sejam elas reais ou imaginárias, mas poucos haver-se-ão de brilhar que nem astros, quão aqueles Escritores que nasceram para sê-lo.

Portanto, estimados leitores, eu não sou escritor por ofício, senão apenas, um modesto contador de histórias reais do meu dia-a-dia...

INTRODUÇÃO

Eu havia provado nesta vida as mais diferentes situações no meu dia-a-dia, as quais me causaram constrangimentos, encantos, desencantos, espantos, crises de risos, êxtases, comoções e até riscos de vida. Algumas delas, pela sua natureza fora do comum, serviram-me de bom aprendizado, refinando a minha percepção e sensibilidade humana. De certo modo, as nossas experiências ao longo da nossa existência, sejam elas doces que nem mel ou amargas como fel, são necessárias para o nosso amadurecimento psicológico e emocional.

Algumas experiencias traumáticas ou desagradáveis aos nossos sentidos, naturalmente procuramos esquecê-las no decorrido tempo, enquanto aquelas prazerosas ou excepcionais, as relembramos com satisfação e saudosismo. Por essa razão, eu elaborei essa coletânea de fatos excepcionais do meu dia-a-dia, propondo revelar aos leitores que apreciam o gênero, 18 histórias ao longo da minha vida, entre mais de 300 arquivadas, as quais considerei atípicas do ponto de vista social, psicológico e cultural. Acaso leiam todas elas [18], enviem-me, se desejarem, seus e-mails comentando sobre essas histórias, como também episódios fora do comuns, que do mesmo modo ocorrerem na vida de vocês.

Eu sinceramente, não creio encontrar entre os leitores, relatos ou testemunhos sobre acontecimentos excepcionais, que por ventura, sejam superiores em números, aos casos por mim testemunhados, lavrados e comprovados. Eu ainda não encontrei no decorrido tempo, nenhum amigo, parente, vizinho ou desconhecido, que me contasse ao menos três casos inexplicáveis ao sentido humano, que tenha lhe ocorrido ao longo da vida.

Sumário

O BUTÃO DA DISCÓRDIA 8
A ÚLTIMA MISSÃO 14
SUSTO MORTAL 19
UAI CADÊ O HOMEM? 23
DOIS PERIGOS EM COMUM 32
PRIMOROSA INTUIÇÃO 42
UNIDOS PARA A ETERNIDADE 46
EU, TADEU E ABREU 53
DOIS DOENTINHOS PAGANDO MICO 66
DESCUIDO FATAL 77
O MAL-ENTENDIDO 83
CARÊNCIA AFETIVA 85
A PROMESSA 91
O PEREGRINO SEM NOÇÃO 131
OSSOS DO OFÍCIO 137
IMAGINAÇÃO, DELÍRIO OU REALIDADE 154
A VISÃO DE TAVARES 171
SUPOSTA ABDUÇÃO 178
MANDI DOS DIABOS 207
O ARRASTÃO 210
AMIGOS PARA SEMPRE 218

O BUTÃO DA DISCÓRDIA

Ao me conciliar diretamente com o público em função do meu ofício, eu sempre que podia trocava ideias com moças, rapazes, crianças, senhoras, e senhores no meu local de trabalho. Então certa vez me apareceu um Argentino por lá, que embora fosse popular naquela comunidade, residia há bem pouco tempo na região. Frequentador assíduo de botequins, casas noturnas, comércios e logradouros públicos, tornara-se o dito-cujo bem conhecido na comunidade, por causa disso. Mas quando ele enchia o bucho de água-benta, caindo desacordado aqui e acolá, pelas ruas da periferia, a sua condição de dependente alcoólico, era mesmo de causar piedade.

Em bate-papos anteriores, o sujeito havia me dado provas que realmente conhecia bem, alguns assuntos atinentes a geografia, a política, a tecnologia entre outros temas, os quais não eram do meu saber. Por não haver naquele tempo, uma fonte de pesquisa confiável a respeito do que dizia, muitos ouvintes acreditavam na sua falsa erudição. Assim como os políticos mentirosos, os pedantes e falastrões agindo de má-fé, sempre existiram na História da humanidade, espalhando suas inverdades mundo afora.

Em primeiro momento, o sujeito me parecia de fato ser bem informado, até vir a cometer uma gafe grotesca, que pôs em dúvida a sua afamada sabedoria. Naturalizado Brasileiro desde moço, o forasteiro era tido por amigos e vizinhos, como sendo um peregrino prestativo, gentil, educado, inteligente e bem esclarecido. É de costume de muita gente no trato social, atribuir por afeição, simpatia, incentivo e até piedade, qualidades, virtudes, talentos, magias, poderes, nobreza, criatividade, habilidades

ou genialidade, a indivíduos que naturalmente nunca os tiveram. Quem afinal de contas, nunca ouviu falar em mendigos que falam seis idiomas, ou que sejam descendentes de famílias ricas e nobres. Mendigos cantadores, compositores, futebolistas, doutos, geniais, acadêmicos, talentosos, inventores, milionários, feiticeiros, benzedeiros, curandeiros, enfim, que sempre figuram nas conversas entre amigos de botequins. Pois bem, naquela bela tarde de segunda-feira, eu havia lido nas manchetes de jornais, uma interessante reportagem a despeito dos costumes, e tradições de alguns povos asiáticos, em especial aos Butaneses.

Sabendo através dos falatórios, que o gringo saboreava assuntos políticos e internacionais, eu então decidi lhe falar sobre aquela reportagem, acreditando que fosse do seu agrado. Em momento algum, eu tive a pretensão de aferir o seu nível de conhecimentos gerais, em função da sua benemérita notoriedade entre os amigos, no tocante a sua notável sapiência. Todavia, eu fiquei pasmado com a sua reação de espanto, por causa de uma pergunta elementar do ensino escolar, que fez cair por terra a sua gloriosa reputação de homem bem esclarecido, que seus amigos falsamente alardeavam sem fundamento.

Por outro lado, quando se trata de assuntos que os leigos desconhecem, uma falsa declaração do interlocutor, pode ser interpretada por eles, como sendo verdadeira, até que se prove o contrário. Assim sendo, quando alguém se diz perito em um assunto para alguns leigos, mesmo que seja uma falsa afirmação, não há como tirar provas do que diz, se os ouvintes não entendem patavinas daquele suposto ofício. Se alguém falsamente se apresenta como médico a um grupo de indivíduos laicos ou sem letras, sabemos que por educação e respeito, ninguém ousaria duvidar dele, exceto se houver outro doutor entre eles.

— Rubião, você por acaso conhece, se não ao menos ouviu falar, a respeito de um País asiático chamado, BUTÃO?
— Ah! – desconfiado, o sujeito logo desaba em gargalhadas, convulsivas e ruidosas...
— Afinal de contas, você conhece ou não este País? — irritado, eu refiz a pergunta.
— Você só pode estar de brincadeira comigo! — caçoa o gringo.

Sorrindo escancaradamente como se fosse uma anedota, Rubião meio que confuso e envergonhado, logo se afasta de mim, ignorando a singela pergunta. A aludida questão, referia-se a um assunto elementar do ensino fundamental, que qualquer estudante secundarista, saberia me responder de pronto.

[...Referente ao censo geográfico de hoje, o Reino do Butão é um país localizado ao sul da Ásia, no extremo leste dos Himalaias. Faz fronteira ao norte com a China e, para o sul, leste e oeste, pela Índia. Mais a oeste, ele é separado do Nepal pelo estado indiano de Sikkim, enquanto mais ao sul, está separado do Bangladesh pelos estados indianos de Assam, e Bengala Ocidental. A capital e maior cidade do Butão é Thimbu.]

Depois daquela crise de risos convulsivos frente à minha pessoa, voltou-se a mim o gringo novamente, querendo saber, que país afinal era aquele de nome tão incomum. Eu então expliquei a ele pacientemente, em que região do planeta terra se localizava a referida nação;

— Então, saiba você meu caro amigo, que BUTÃO se localiza próximo a outro país asiático, historicamente conhecido por NEPAL. É neste segundo país, aliás, que se situa o *Monte Everest*, o ponto mais alto da terra.

Eu não sei se o meu sotaque em português o deixou confuso, mas Rubião entendera a minha explicação de maneira jocosa;

— O que! BUTÃO fica perto do SEU PAU? — o estúpido alienígena, então me faz essa horrorosa, vergonhosa, repugnante, afrontosa e infame comparação;

— Não Rubião, você me entendeu errado! Eu disse NEPAL — expliquei a ele novamente.

— O QUE! SEU PAU! — Como se fosse um velhote surdo e debochado, o gringo chocado com o vocábulo mal-entendido, repetiu-me aquele palavrório obsceno.

— Dizem seus amigos, que você é um indivíduo bem esclarecido em diferentes assuntos acadêmicos; mas sobre geografia, eu logo percebi que você nada sabe a respeito! — refutei o peregrino

— Mas que diabos moço! Eu nada sei sobre BUTÃO, muito menos sobre SEU PAU! – irritou-se de súbito

Imaginando que fosse uma “pegadinha de mau gosto”, o Argentino à face do mundo dava risadas espalhafatosas, flexionando o abdômen, espasmodicamente. Aquela abominável criatura da patagônia, havia entendido a minha pergunta, como sendo maliciosa; ou seja, uma sutil provocação ao pudor. Sem se dar conta do caráter didático do assunto, o pervertido primata se manda dali, girando a cabeça negativamente, em sinal de repúdio a minha pessoa. Convenhamos, no entanto, que ouvir tamanho absurdo, é bem melhor do que ser surdo.

Em sua mente corrompida pela água-benta, BUTÃO se referia a orifício anatômico, — *ânus* —, enquanto NEPAL, o trocadilho indecoroso de MEU PAU, — *pênis*. Sendo, pois, os dois órgãos anatômicos contíguos entre eles, daí a sua despudorada, nojenta, imperdoável e obscena comparação. Como NEPAL E MEU PAU, são vocábulos homófonos, o GRINGO desavergonhado, me fez uma confusão dos diabos, deixando-me embaraçado naquele momento. Mas eu também me atinei, que quase ninguém no Brasil, além dele, sequer ouvira falar sobre BUTÃO (*País*), a não ser em discussões acaloradas entre bêbados, drogados, inimigos e desafetos. Quem, afinal de contas, não conhece a chula e hostil expressão popular; "vai tomando no seu BUTÃO"!

Entusiasmado pela soberba que a fama lhe trazia, o forasteiro nem imaginava, que um dia pudesse se dar mal de maneira tão vexatória. Ora, trocar BUTÃO por ÂNUS, não tem perdão nem aqui, muito menos naquele País. Entre os tupiniquins não vejo nada demais neste equívoco indecoroso, mas entres os Butaneses, nem imagino o que de pior poderia lhe ocorrer, se por lá o gringo não soubesse se explicar. Diante disso, eu notei claramente que o indecoroso forasteiro não era tão sábio como os amigos, parentes e vizinhos, sempre diziam a seu respeito.

Por causa da sua reação hilária e grotesca decorrente de uma demanda didática elementar, o gringo me provou que seu nível de conhecimentos em geografia era mesmo rudimentar, para não dizer lastimável. Assim como qualquer outro personagem fictício criado pelo imaginário popular, Rubião também era mais um deles, que a sua ilustre biografia se comparava ao fabuloso mendigo descendente da nobreza.

Mas convenhamos, que alguns idiotas ao menos admitem as suas tolices quando são desmascarados por autodidatas bem informados, ao passo que os doutores metidos a sábios negam até morte a sua brilhante estupidez. A menos que um homem traga consigo todo conhecimento sobre a história, a ciência, os ofícios, as artes ou as tecnologias, a este podemos lhe atribuir teoricamente o dom de um semideus, prendado a sapiência universal. Não se tem notícias de nenhum homem que viveu sobre a terra, cuja sapiência não fosse igualmente frívola, ordinária e primitiva, quão de todos nós que sobre ela vivemos.

— *O sacerdote disse: não é bom elogiar os outros indiscriminadamente. Quando elogiados, tanto o sábio quanto o tolo se tornam orgulhosos. O elogio é prejudicial*. Yamamoto Tsunetomo.

Episódio ocorrido em dezembro do ano 2000

Fim

A ÚLTIMA MISSÃO

[...Para aqueles que vivem a salvar vidas humanas facultado a sua ocupação, há sempre uma reserva de vitalidade em seus espíritos, que somente os heróis às têm por natureza e graça divina. Movido por essa energia incorpórea sobre-humana, este nosso herói anônimo aqui lembrado, cumpriu a sua última missão aqui na terra, de uma maneira indecifrável a luz da razão.]

Em uma fria sexta-feira à noite, eu me achava a serviço no quartel da Polícia Militar, registrando a entrada e a saída de veículos da corporação, dentro duma estreitíssima guarita semelhante a um casulo. A torre de arquitetura tosca, suja e mal iluminada me causava a pavorosa sensação de angústia, que nem uma camisa de força provoca, a quem dela já fez uso. Por isso decidi cumprir a minha missão fora dela, até o final do expediente. A propósito, o ambiente frio, escuro, silencioso e solitário a minha volta, lembrava-me os filmes de suspense, que na infância me divertiam pelo assombro.

Embora a escuridão ainda seja o terror de muitas crianças e adultos também, convém lembrar que os horrores praticados pelos homens, ocorrem sempre à luz do dia. Os maus espíritos que supostamente nos assombram ou perturbam-nos ao cair das noites, são apenas entidades imaginárias e inofensivas, enquanto o diabo em carne e osso, podemos vê-los claramente entre nós, a qualquer hora do dia ou das noites. Havia uma dispersa garoa esbranquiçada encobrindo a região, cujo fenômeno climático raramente se via por lá fora do seu tempo próprio. Que nem uma matilha de lobos urbanos, os uivos lamentosos dos cães da periferia, ecoavam fúnebres pelo nebuloso céu da noite, os quais pareciam se comunicar a distância. Mas como autor de contos e

crônicas dos mais variados eventos, o clima nefasto para mim consistia no melhor cenário real, para a criação de histórias do cotidiano, cujo suspense tempera o sabor da leitura. Além do mais, a solidão, o frio, o silêncio e a escuridão das noites, são as mais propícias condições ambientais, para se fecundar boas ideias a literatura do gênero.

Naquela tediosa madrugada de julho, eu me deparava de pé próximo a guarita, observando o enfadonho vaivém dos veículos, que ruidosamente trafegavam em frente ao quartel. Os frígidos ventos da alvorada, que repetidamente sopravam em súbitas rajadas, zumbiam entre árvores e prédios vizinhos, ecoando estranhos ruídos nos ares, que até me pareciam gemidos de almas penadas. Quando um bom soldado se acha à serviço de guarda seja aonde for, ele tem por dever ocupacional, ver tudo que se passa a sua volta, até coisas de outro mundo se for capaz.

Embora não houvesse fantasmas nem maus espíritos vagando por lá, a sensação de tê-los por perto nessas condições, é bem natural à essência humana. Algum tempo depois, eu avistei um veículo, — *brasília de cor verde limão* — passando às minhas vistas em altíssima velocidade, rumo ao cento da cidade. Eu notei que o veículo havia se desviado abruptamente da sua faixa preferencial, como se estivesse desgovernado, ou então seu condutor embriagado. Por uma fração de segundos, eu avistei uma mulher de cabelos longos e dourados, dirigindo aquela máquina supostamente descontrolada, em companhia de mais três ocupantes. Usando óculos de lentes grossas, a moça aparentemente assustada, notava-se desorientada no controle do volante. Logo em seguida, eu escutei um violento estrondo nas proximidades do quartel, que até fez o meu chão estremecer. Eu rapidamente me desloquei até a pista de rolamento, para ver de perto a

origem daquela explosão. No entanto, havia sobre mim uma rede elétrica de alta tensão, que logo se pôs em curto-circuito, espirrando faíscas por todos os lados. As temíveis crepitações e fagulhas entre os cabos elétricos, lampejavam pelo tenebroso céu escuro, que nem fogos de artifícios na virada do ano. Por alguns instantes apenas, o apavorante espetáculo pirotécnico, fez a noite virar dia. Para o meu espanto, eu avistei a poucos metros adiante, o citado veículo engavetado num poste de concreto, que até se curvou sobre a calçada. Os cabos elétricos continuavam em violenta fricção entre eles, lançando sobre mim, uma perigosa chuva de fagulhas, que sapecaram o meu fardamento.

Para me proteger daquele perigo mortal, eu então abandonei a calçada às pressas, dirigindo-me para o pátio do quartel. Porventura, o cabeamento elétrico se rompesse sobre mim, pouco restaria do meu cadáver, a não ser um amontoado de borralhos. É fato, que nem mesmo um estupendo milagre poderia me salvar à vida, se acaso os cabos elétricos de 13.800 volts, rompessem sobre mim. Por isso, eu achei por bem me proteger na praça do quartel, de uma possível ruptura dos cabos elétricos.

Ao cessar as perturbações ondulatórias na rede elétrica, eu rapidamente me desloquei até a Sala de Operações do Batalhão, a fim de recrutar socorro aos colegas de serviço. Quando chegamos ao local da catástrofe, nos deparamos com o veículo totalmente destruído, e seus ocupantes encarcerados em seu interior. O robusto poste de cimento e ferro, deitou-se tortuoso sobre a calçada, deixando a vista suas grossas ferragens retorcidas. Quando o automóvel se chocou violentamente contra o poste, a sua base em concreto armado se desfez em miúdos pedregulhos, que nem farelo de pedra. Havia um pesadíssimo transformador de potência sobre aquele poste, — *aparelho estático de indução*

eletromagnética — que se desprendendo de seu suporte, arremessou-se abruptamente sobre a calçada. Na verdade, a forte vibração do solo que eu havia sentido próximo à guarita, se devia a sua impetuosa queda sobre o calçamento de concreto, que se afundou por chão adentro. Embora estivessem todos conscientes, havia quatro jovens presos entre às ferragens, que feridos pelo impacto e estilhaços, murmuravam, sangravam e gemiam. Apesar da brutalidade da colisão, os ocupantes do veículo escaparam milagrosamente com vida, e sem ferimentos graves. Eles, ademais, livraram-se por um triz de outra tragédia subsequente, que a princípio, não se deram conta deste perigo.

Em seu arremesso em queda livre, o desmedido aparelho de energia, — *transformador* — enterrou-se a dois palmos de profundidade, sobre a grossa calçada de concreto. Além disso, o artefato dilacerou que nem papel, a lataria esquerda do veículo, causando-lhe uma extensa rasgadura na vertical. Se acaso o veículo fosse atingido sobre o teto, pelo pesado aparelho, a morte instantânea dos ocupantes, ocorreria por efeito do esmagamento. Entre às vítimas que se achavam em meio às ferragens retorcidas, havia um jovem soldado do corpo de bombeiro, que primeiro se desencarcerou por conta própria.

Sem nenhum ferimento aparentemente grave, o prestimoso rapaz logo se pôs a socorrer seus amigos entre os destroços do veículo. Murmurando de dores, os três adolescentes foram retirados cuidadosamente entre os ferros retorcidos. Durante a operação de resgate, o soldado que de *vítima* se pôs no lugar de *socorrista*, acudiu compassivamente seus amigos feridos, como se fosse a sua última missão em vida. Condicionado fisicamente a salvar vidas humanas, ainda que nas piores condições de trabalho, não se notava naquele jovem soldado, nenhuma fatiga ou

gemido de dores. Demonstrando destreza e boa vontade durante o salvamento, este bravo herói anônimo causara espanto a equipe de socorristas, em face da sua energia fora do comum. Por intercessão deste bom moço, a remoção dos feridos foi rápida, segura e bem-sucedida.

As vítimas que, aliás, não corriam riscos de morte, foram imediatamente encaminhadas ao pronto-socorro daquela cidade. Alguns dias depois, chegou-me a espantosa e comovente notícia, que aquele valoroso soldado que havia socorrido seus amigos, veio a óbito em consequência daquele acidente**.** Sem se dar conta de seus ferimentos internos, o rapaz veio a falecer tardiamente em função das graves lesões viscerais, que por ventura seus amigos não tiveram.

A estória acima contada, ocorreu em junho de 1993, ao lado de um batalhão da Polícia Militar.

Fim

SUSTO MORTAL

[...As conhecidas brincadeiras de mau-gosto, raramente causam danos físicos, morais ou emocionais, graves, a quem delas são vítimas por divertimento. Todavia, nem todas as pessoas as toleram de bom-humor, sentindo-se às vezes rancorosas, envergonhadas ou profundamente ofendidas. A história contada abaixo foi integralmente reconstituída por mim, de acordo com o depoimento de amigos e parentes do infeliz rapaz, que sendo ele gracejador por natureza, não esperava por tamanho infortúnio.]

A mãe do nosso desventurado personagem, que vivia angustiada com as viagens do filho a serviço, sempre aguardava ansiosa em sua cidadezinha, notícias sobre ele. Então, para tranquilizar a mãe, o bom rapaz se comunicava com ela por telefone público sempre que podia, antes e depois das viagens. Quando ele partia à serviço ou chegava em seu destino, era de seu costume ligar para a mãe, dando-lhe satisfações sobre a viagem. Para preservar a identidade dos verdadeiros personagens, seus nomes foram substituídos por outros fictícios.

Naquela agradável tarde de maio, eu me achava numa farmácia próxima de casa, tratando com o proprietário assuntos sobre diferentes medicamentos. Naquele momento, um rapaz uniformizado adentra ao recinto, pedindo logo, um punhado de fichas telefônicas. Em sua elegante camisa bem passada a ferro quente, se notava a logomarca da empresa de ônibus, a qual se achava engajado a serviços. De acordo com as informações colhidas posteriormente, o sujeito recém-contratado pela empresa, exercia a função de *agente de viagem*, conferindo, e recolhendo os bilhetes dos passageiros. A poucos metros a nossa frente, havia um telefone público preso à parede da farmácia, onde o moço